

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v14.n33.12>

“Aprendi a ler com histórias em quadrinhos”: o desenvolvimento do leitor infantil

“I learned to read with comics”: young reader development

Dione Márcia Alves de Moraes*

Resumo: Propomos uma discussão sobre nossa pesquisa desenvolvida com alunos do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundamentamo-nos teoricamente em Lacan (1998), Belintane *et al* (2010), Belintane (2013), Riolfi e Magalhães (2008), entre outros, e apresentamos uma pesquisa qualitativo-interpretativa, de natureza aplicada. Destacamos como objetivo geral refletir sobre como a leitura de alunos já alfabetizados pode se tornar mais fluente e compreensiva usando a imagem e a narrativa como mediadoras entre a oralidade e a escrita. Neste recorte, utilizamos duas tirinhas do Calvin e Haroldo (WATTERSON, 1990) e, a partir das análises apresentadas, concluímos que os alunos se utilizam tanto da imagem quanto do texto narrativo para ler e compreender as histórias em quadrinhos e sua narrativa.

Palavras-chave: Quadrinhos. Imagem. Narrativa. Leitura. Compreensão.

Abstract: This study aims at discussing our research carried out with a group of Second Year students of Elementary School from the Federal University of Pará (UFPA) Application School. The theoretical foundation was based on Lacan (1998), Belintane *et al* (2010), Belintane (2013), Riolfi & Magalhães (2008), among others. The research study is of an applied qualitative-interpretative nature and its main objective is reflecting on how reading skills of literate students may become more fluent and comprehensive using the image and the narrative as mediators between orality and writing. In this cutout by Calvin and Hobbes (WATTERSON, 1990) two comic strips were used and, from the analyzes presented, we concluded that students use both: image and narrative text to read and comprehend the comics and their narrative.

Keywords: Comics. Image. Narrative. Reading. Comprehension.

Introdução

Este trabalho apresenta a reflexão de um estudo que foi feito no interior do projeto de pesquisa “O desafio de ensinar a leitura e a

* Universidade Federal do Pará (UFPA).

escrita no contexto do Ensino Fundamental de 9 anos e da inserção do laptop na escola pública brasileira”², desenvolvido na Escola de Aplicação (E.A) da Universidade Federal do Pará (UFPA), *campus* Belém. No âmbito desse projeto, foram realizadas intervenções no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental dessa escola com diagnósticos constantes de aprendizagem dos alunos, produção de atividades baseadas em diagnósticos, respeitando as heterogeneidades que são as discrepâncias existentes entre os alunos, algo inerente ao próprio processo de aprendizagem (BELINTANE *et al.*, 2010).

Assim, de acordo com os resultados dos nossos diagnósticos, enquanto alguns alunos apresentaram considerável avanço no desenvolvimento de textos orais, na escrita de pequenos textos e na ação leitora, outros demonstraram dificuldades nessas aptidões. De acordo com o projeto de pesquisa mencionado:

Este projeto parte do pressuposto de que, para além das singularidades que promovem as diferenças dos modos de aprender, tem que ser considerada a barreira constituída pelas dificuldades de domínio das habilidades mais fundamentais da aprendizagem: a oralidade, a leitura e a produção escrita [...] (BELINTANE *et al.*, 2010, p.9).

Dentro do projeto citado, procuramos trabalhar com uma “rede de gêneros” que embasa nosso trabalho com o ensino de leitura em sala de aula, assim, arrolamos dois eixos principais: relação imagem e escrita e a presença da narrativa. Essa rede de gêneros inclui histórias em quadrinhos (HQs), textos narrativos, cordel, animações e outros. Dentre esses, a HQ é a mais importante, sendo o mote de nosso trabalho, por isso, apresentamos nesse artigo as atividades referentes a um trabalho com HQs em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental para o desenvolvimento da fluência e compreensão leitora, foco do nosso estudo.

² Projeto encerrado.

As HQs além de conter narrativas que apresentam texto verbal e não verbal que se completam, exibem variada extensão e complexidade. Essa característica ajuda a adaptar as atividades de leitura à habilitação dos alunos, possibilitando uma transição entre os textos mais curtos e simples aos mais longos, de diversas páginas e com mais personagens.

A nossa pesquisa fundamentou-se teoricamente em Lacan (1998), Belintane *et al.* (2010), Belintane (2013), Riolfi e Magalhães (2008), entre outros e realizou uma pesquisa qualitativo-interpretativa, de natureza aplicada. Esse estudo buscou responder à pergunta: A imagem e a narrativa podem ajudar a promover o ensino da leitura, focado na aceleração de sua fluência e no desenvolvimento da compreensão leitora nas séries iniciais do Ensino Fundamental?

Destacamos como objetivo geral refletir sobre como a leitura de alunos já alfabetizados pode se tornar mais fluente e compreensiva usando a imagem e a narrativa como mediadoras entre a oralidade e a escrita. Apresentamos como objetivos específicos:

- a) Trabalhar a leitura autônoma com compreensão e produção de inferências;
- b) Encontrar indícios de como a subjetividade das crianças se constitui na forma como elas interagem, em um processo de alienação e separação, com textos narrativos lúdicos e textos que apresentem imagem; e
- c) Refletir sobre como as crianças fazem a leitura de textos que demandam (e possibilitam) inferências.

A metodologia que utilizamos no nosso projeto apresentou-se coerente com a utilizada dentro do projeto de pesquisa em que esteve inserido, assim, caracterizou-se por: a) criar uma grade com descritores do nível de leitura dos alunos; b) trabalhar na turma escolhida duas vezes por semana; c) observar e analisar os diagnósticos.

O artigo está dividido em duas seções, além destas Considerações Iniciais e das Considerações Finais. Na primeira seção, discorreremos a respeito das fontes e das teorias que embasam o trabalho. Na segunda seção, apresentamos uma atividade trabalhada pela pesquisadora, seguidos da transcrição da leitura e compreensão de dois alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, após faremos a análise dos dados com embasamento nos teóricos discutidos, apresentando, desta forma, um diagnóstico parcial do estudo.

Fundamentação teórica

Apresentamos alguns pressupostos teóricos que utilizamos nesse trabalho, desta forma, esta seção encontra-se dividida em duas subseções: a primeira intitula-se “A construção do leitor” e a segunda, “Respostas a comandas e histórias em quadrinhos”.

A construção do leitor

A cultura oral, que são os jogos da linguagem que intermeiam as relações das crianças com o mundo, conjuntamente com o conhecimento de textos escritos (lidos pelos adultos ou adaptações televisivas) são presentes na vida de muitas crianças. No projeto de pesquisa desenvolvido na Escola de Aplicação da UFPA, partimos do princípio que aqueles alunos que possuem um repertório de conhecimento de textos orais, apresentam maior facilidade na aquisição da linguagem, o que influencia no desenvolvimento da aprendizagem do escrito e da leitura.

Para aquelas que já estão alfabetizadas, a cultura oral pode dar um paradigma, entre outros, para auxiliá-las na leitura (fluência e compreensão) e escrita de textos. Citando Belintane *et al.*:

O campo da oralidade infantil (a diversidade de gêneros com que a maternância e a cultura da infância enreda a criança) é compreendido como um conjunto de recursos mnemônicos e linguageiros que

potencializa a dinâmica da escrita e da leitura. [...] é das habilidades languageiras dos textos de origem oral que se gestam as habilidades de escrita (BELINTANE *et al.*, 2010, p.13-14).

Durante a construção da subjetividade na aquisição e desenvolvimento da linguagem (oralidade, escrita e leitura) pela criança, Belintane (2013) utiliza os conceitos de “alienação” e “separação” de Lacan (1998) para tratar dessa aquisição. De acordo com Lacan (1998), a *alienação* diz respeito à interiorização e aprendizagem de códigos culturais “tais como existem” (dito pela mãe: “telefone”); a *separação* ocorre nas “faltas do discurso do outro” (LACAN, 1998, p. 203) quando, ao fazer os entrecruzamentos com lembranças presentes na memória, o sujeito desprende-se daquilo que internalizou (dito pela criança: “alô”).

Assim, na alienação existe uma interiorização da palavra do outro, porém, esse processo é necessário para que se chegue à separação, pois é preciso primeiro interiorizar a palavra do outro, alienar-se nela, para depois separar-se:

[...] Trata-se da dialética da alienação e da separação, ou seja, é necessário passar pela letra, pelo som, mas numa dinâmica de desprendimento e de captação do essencial, do traço metonímico de cada elemento e de suas formas maiores [...] (BELINTANE, 2013, p. 57).

O autor relaciona a leitura silabada, em que a criança está extremamente apegada às palavras do texto e com medo de errar, com a alienação, em que ela após interiorizar as palavras do outro, apegasse a ela a ponto de tornar a sua leitura lenta e hesitante com temor de afastar-se dela e do significado primário do texto. O leitor fluente que lê o texto sem medo de trocar uma palavra por outra similar, passa pelo processo de alienação e está na fase de separação, próximo a um leitor autônomo que consegue ler e compreender a história lida.

Desta forma, relacionando a alienação e separação com processos de ação leitora que pode ser observada nas crianças que a estão desenvolvendo, podemos concluir que a alienação pode se dar quando o aluno, ao incorporar a escrita do outro durante a ação de ler, não consegue sair dessa fase, observando cada letra e sílaba e não se arrisca a ir além do que está explícito no escrito para construir sentidos. A separação pode consistir em quando, após incorporar a palavra do outro, apresenta uma leitura fluente e compreensiva na qual recria o que absorveu, produzindo inferências que vão além do que está no escrito.

Porém, salientamos que a leitura fluente não está automaticamente unida com a leitura compreensiva, ou seja, o aluno pode ler com velocidade, entretanto não compreender aquilo que lê, ou não conseguir ir além do texto. Da mesma forma, a criança pode apresentar uma leitura lenta, mas sua compreensão dos sentidos do texto vai além do que lhe é apresentado pelo autor, além do que está explícito. Assim sendo, sempre que falarmos em alienação e separação neste trabalho, estaremos levando em conta a relação feita por Belintane (2013) com a aquisição da linguagem e como esses conceitos se direcionam à leitura.

É importante salientarmos também que, como as concepções de *inferências* podem ser diversas, apresentaremos uma que se aproxima daquela que nos norteia, que seria a apresentada por Coscarelli (2002): “Pode-se dizer que inferências são operações cognitivas que o leitor realiza para construir proposições novas a partir de informações que ele encontrou no texto” (COSCARELLI, 2002, p. 2).

Relacionando as ideias dessa autora com a noção de sujeito intervalar de Belintane (2013), embasada na teoria psicanalítica, a concepção de inferência que delineamos nesse estudo é: inferências são processos inconscientes produzidos pelos leitores (e ouvintes) para a construção de sentidos originais, a partir dos entrecruzamentos

do texto lido com outros textos (e/ou experiências) que eles trazem na memória.

Produzir inferências implica em arriscar-se (em maior ou menor grau), o que pode ocasionar desacertos, previsões equivocadas, reformulações etc., mas, também, em produções de sentidos originais e fecundos. Pois notemos que existe diferença entre o que o texto demanda e o que ele possibilita. O que o texto demanda é aquilo que o leitor precisa inferir para compreendê-lo. O que o texto possibilita são as possíveis relações com outros textos, para construir reflexões originais a partir dele.

Assim, a criança procurar maneiras de lidar com textos que podem ser mais complexos são etapas imperiosas para a formação do leitor, sendo mais produtivos do que limitar-se, por exemplo, a ficar em silêncio; ser renitente (“eu não sou capaz”); ou pedir para ir beber água, entre outros.

Respostas a comandos e histórias em quadrinhos

Riolfi e Magalhães (2008), também se utilizando do conceito de alienação e separação de Lacan (1998), analisam textos escritos de alunos do Ensino Fundamental por meio de quatro formas de posicionar-se frente ao discurso do outro. Esses posicionamentos são: sujeito esmagado pelos restos metonímicos do discurso do Outro (o aluno que apenas copia um texto já conhecido); sujeito que se limita a testemunhar sua alienação ao Outro cultural (o aluno apenas responde ao que é pedido pelo comando); sujeito agenciado pelo aluno a partir do cotejamento das demandas da cultura escolar e de uma ética própria (o aluno parte do que é pedido pelo professor e vai além, acrescentando suas ideias) e; Subjetividade agenciada em tal grau que permite a construção de uma metáfora criativa (o aluno

separa-se completamente da palavra do outro, metaforizando o texto do começo ao fim).

As autoras ressaltam que essas quatro posições citadas são fases que se superam umas às outras, entretanto, o fato de o aluno alcançar a quarta fase em um texto não o estabiliza nessa posição para todos os textos que virá a escrever. Para a criança sair da alienação frente à palavra do outro que pode ser percebida em graus diferentes na primeira e segunda posição, é necessário que ela não tenha medo de se mostrar no escrito, que faça um trabalho de escrita e reescrita a cada texto que escrever entre outros.

Extrapolando essas posições, apresentadas pelas autoras, relacionamos as fases das produções escritas apresentadas por elas com a elaboração de sentidos dos textos lidos e conseqüentemente com as respostas referentes à compreensão desses textos dadas pelos alunos. Desta forma, os alunos apresentam variadas fases entre a alienação e a separação no momento em que precisam produzir sentidos no texto, podendo intercala-las em uma mesma resposta.

Dessa forma, apresentamos as fases encontradas nessas respostas relativas à compreensão do texto pelas crianças:

- a) Algumas se limitam a repetir o que leram, como uma descrição do escrito e/ou imagem;
- b) Outras crianças apenas respondem o que lhe é solicitado, não indo além do que é perguntado;
- c) Outras, partem do escrito e/ou imagético e vão além do que é pedido pelo professor;
- d) Existem aquelas que, a partir do texto lido, produzem inferências e sentidos novos e originais para ele; e
- e) Acrescentamos mais uma fase, que seria a de *extrema separação*, em que o aluno ignora o texto ou lê (e/ou interpreta a

imagem) de apenas uma parte dele, e produz sentidos que não tem a ver com o que lhe é pedido e/ou com o que está no texto.

Assim, neste trabalho, quando mencionarmos os posicionamentos subjetivos construídos por Riolfi e Magalhães (2008) a partir de Lacan (1998), estamos nos referindo à relação que fizemos com a leitura e sua compreensão. Entretanto, como construímos nossos estudos a partir das teorias das autoras, elas serão citadas no decorrer do trabalho.

O professor na sala de aula pode ajudar o aluno tanto a aumentar o repertório de textos orais, como a alienar-se e separar-se da palavra do outro. Dentro do projeto, como já mencionamos, trabalhamos com uma “rede de gêneros” que abordaram, como eixos principais, a narrativa e a imagem.

A “cultura oral” conjuntamente com o conhecimento de textos escritos (lidos pelos adultos ou adaptações televisivas) são presentes na vida de muitas crianças. Partindo do princípio que as narrativas (lidas e/ou orais) fazem parte desse mundo, optamos por usar textos narrativos escritos³ para o desenvolvimento da ação leitora e para intermediar a leitura de outros textos.

Dentre esses gêneros que utilizamos, o principal é o gênero HQ para ajudar no desenvolvimento da leitura e compreensão leitora do aluno que está desenvolvendo essa ação. Quando o imagético completa o escrito, indo além do seu reforço, esse se apresenta como uma forma de apoio na leitura e construção de sentidos, pois o leitor pode utilizar-se da imagem e da linguagem quadrinhística como apoios. As HQs, e seu subtipo, as tirinhas (MENDONÇA, 2007) por apresentarem variados tamanhos e complexidades podem adaptar-se a capacidade de leitura dos alunos em uma sala heterogênea.

³ Observamos que as narrativas orais e escritas são diferentes, entretanto, fazemos a comparação pelos pontos que possuem em comum: contar um acontecimento, ação, personagens, diálogos etc.

As HQs podem auxiliar as crianças a passarem da interiorização da palavra do outro, para a construção de sentidos próprios a partir do texto, durante a leitura, proporcionando que elas respondam as comandas indo além do que simplesmente responder ao que é pedido. A imagem é como se fosse um “segundo texto” em paralelo ao texto verbal, assim, se a leitura do escrito é muito limitada ao explícito, a simples existência de um “segundo texto” imagético já é uma separação do primeiro. Nesse sentido, a HQ pode contribuir para uma leitura mais rica, pois ela já traz embutida uma “intertextualidade interior” – quando a compreensão de um dos textos (verbal ou não verbal) apresenta problemas, o outro pode jogar elementos para dentro e “movimentar” as peças do outro texto.

Apresentamos duas ressalvas ao que foi arrolado acima: a primeira, no caso em que o aluno apresenta uma leitura muito separada, ou seja, só lê a primeira palavra, por exemplo, e tenta adivinhar o restante, e o faz de forma errada. Nesse caso a imagem pode proporcionar a percepção do erro e funcionar como um elemento alienante, para equilibrar esse excesso de separação. A segunda ressalva, refere-se à interpretação da imagem que pode ser alienante, ou seja, ela não necessariamente leva a um entendimento melhor do texto verbal. Por exemplo, quando o texto verbal diz uma coisa e a imagem diz a mesma coisa, não acrescentando nada ao texto.

Ressaltamos que, no âmbito do nosso projeto de pesquisa, partimos do pressuposto de que a imagem não é uma linguagem escrita, podendo suscitar em representações diferentes de acordo com quem a interpreta. A escrita apresenta traços da língua oral de quem a escreve, necessitando que o leitor conheça a língua em que o texto está escrito para poder ler. Nas palavras de Cagliari (2009), “[...] o desenho refere-se a coisas do mundo e a escrita refere-se exclusivamente à linguagem oral, tendo na palavra a sua unidade mais

importante” (CAGLIARI, 2009, p. 9). Portanto, a leitura é feita em um texto escrito verbal e a imagem pode ser interpretada mais não lida.

Assim sendo, quando nos referimos a utilização da imagem dos quadrinhos como um segundo texto para auxiliar na compreensão do texto verbal e vice-versa, temos em mente que apenas o texto verbal é lido, enquanto a imagem é interpretada. No próximo item faremos a análises dos dados referentes a atividades feitas com HQs.

Análise

Dentro do projeto elaboramos atividades diversificadas baseadas em diagnósticos⁴ constantes. Essas atividades foram feitas com uma “rede de gêneros” cujos eixos principais foram: relação imagem e escrita e a presença da narrativa, como já comentado. Apresentamos neste artigo uma atividade elaborada com HQs do Calvin e Haroldo que trabalhamos em sala de aula. Escolhemos as HQs do Calvin e Haroldo para observar e estimular o entendimento da linguagem metonímica e metafórica, além de objetivar a aprendizagem de uma leitura mais complexa de textos, com personagens e histórias pouco conhecidas pelas crianças em que a relação verbal e imagética seja mais intrincada.

Essa atividade buscou trabalhar o desenvolvimento da compreensão e da produção de inferências por parte dos alunos que para entender a narrativa precisaram compreender a escrita em conjunto com as imagens tendo que ir além do que está explícito. Assim, apesar dos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental não terem entendido o sentido metafórico das histórias, a atividade mostra-se satisfatória, pois conseguiu fazer com que eles tivessem que elaborar explicações, embasadas a partir da relação entre o texto verbal e o texto não verbal e seus conhecimentos, para responder a comanda da

⁴ Para fazermos a análise das atividades utilizamos “A ficha de Diagnóstico Individual” do projeto de pesquisa que ressalta a fluência, a entonação e outros.

questão. Esse processo mostrou-se um desafio para as crianças que apresentaram explicações que vão desde o explícito na história até a produção de inferências diversas para tentar entender e explicar as “transformações” de o tigre Haroldo nas histórias.

Dessa forma, apresentamos um recorte destas atividades trabalhadas e após, apresentamos as respostas dadas pelo aluno ME e o aluno G seguidas das respectivas análises. A atividade objetivou provocar a compreensão leitora e a produção de inferências para responder a comanda escrita: “O tigre Haroldo é real ou um tigre de pelúcia?”

Figura 1: Atividade construída para inferir se o Haroldo é real ou imaginário.



Os quadrinhos apresentam uma forma de “metáfora visual” que é uma forma de expressar ideias por meio de imagens (RAMOS, 2012) cuja interpretação correta pode ser: o Haroldo é um tigre de pelúcia que na imaginação do Calvin ganha vida. Entretanto os alunos de 2º ano do Fundamental não conseguiram fazer essa leitura. Segue a transcrição da compreensão de dois alunos.

Abaixo apresentamos um trecho da gravação de leitura em voz alta do aluno ME e em seguida a sua compreensão dos textos.

Aluno ME:

(1) “Não... acho... que... você... deve...”⁵

O Aluno ME, no ato de ler, demonstrou uma transição entre a alienação e a separação (BELINTANE, 2013), assim, após a internalização da palavra do texto, ele começa a afastar-se dela. Ele lê palavra por palavra, o que apesar de ainda demonstrar cautela na ação, não erra palavra alguma, nem soletra ou sílaba no momento de ler. Essa intercalação entre a alienação e a separação é algo comum, principalmente por que o aluno ainda está desenvolvendo a sua leitura.

Desta forma, apesar de ainda não apresentar, neste momento, uma leitura mais fluente e ágil, dando uma pausa média ao final de cada palavra, ele consegue distanciar-se o suficiente para não travar durante o ato, chegando a substituir a conjugação do verbo “deva” por “deve”. Essa substituição demonstra a separação do texto escrito, em que a criança a partir do contexto e do que está escrito, acrescenta os seus conhecimentos para modifica-los, pois talvez, a conjugação “deve” seja mais conhecida por ela do que “deva”.

Abaixo apresentamos a resposta da comanda exibida acima: O tigre Haroldo é real ou um tigre de pelúcia?

⁵ Está de acordo com Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Linguística Culta (NURC): “...” são pausas; “MAIÚSCULAS” são ênfases; “.” (pequeno), “:.” (médio), “:.” (grande) representam alongamento da vogal; “()” representa ininteligível; “(())” é comentário do transcritor; “/” representa truncamento de palavras; “-” representa silabação (MUSSALIN; BENTES, 2006).

(2) “verdade:, por que ele tá pula:ndo e se ele fosse de pelúcia ele não tava... aqui ele é:: de pelúcia... porque o Calvin põe isso aqui ((o colete salva vidas)) para que o Haroldo fique de pelúcia e grande”.

O Aluno ME apresenta uma compreensão que varia da extrema separação à alienação durante essa atividade. A primeira parte de sua resposta (“verdade:... ele não tava...”) é extremamente separada do texto, ou seja, não interioriza todas as informações que estão nos quadrinhos e ignora as partes em que o Haroldo aparece imóvel. A criança limita-se a observar apenas o segundo quadro da primeira tira (aquele que o Haroldo aparece pulando no Calvin) para responder o que lhe é perguntado, e a partir daí constrói a sua explicação.

Na segunda parte da resposta (“aqui ele é:: de pelúcia...”), o aluno volta ao texto e atenta-se para o fato de que em alguns momentos o Haroldo aparece pequeno, limitando-se a repetir o que está dado no escrito “aqui ele é de pelúcia...”, numa posição alienada em relação à palavra do outro, pois apenas interioriza o que está vendo e não produz sentidos a partir dessa imagem.

Na terceira parte da resposta (“porque o Calvin põe isso... de pelúcia e grande”), volta a apresentar extrema separação no momento de justificar a sua resposta. Assim, novamente levando em consideração apenas um quadro, no caso o último quadro da segunda vinheta (o Calvin por um colete salva vidas no Haroldo), conclui que o colete é o responsável pelo fato do Haroldo ficar “de pelúcia e grande”. Ele ignora o fato de que na primeira tira o Haroldo não tem um colete que o torna “grande”.

Transcrição da leitura que o Aluno G fez da comanda da questão:

Aluno G:

(1) “O tigre Haroldo é real ou um ‘brinquedo’ de pelúcia?”

O Aluno G absorve a palavra do outro e separa-se dela (BELINTANE, 2013), o que pode ser observado pela leitura da frase inteira sem pausas, hesitações e erros, além da trocar da palavra “tigre” por “brinquedo” que no contexto são similares e não modificam o sentido. A troca da palavra demonstra que o aluno absorve o sentido e separa-se do escrito podendo assim substituir uma palavra por outra. Resposta do Aluno G a comanda:

(2) “Pra mim ele é real..”

“eu acho que ele é um ursinho de pelúcia e eu acho que uma fada transformou ele de verdade”.

O Aluno G, apesar de não ter feito a leitura correta dos textos, pois não depreende o sentido metafórico dos quadrinhos, apresenta uma compreensão que parte do escrito e vai além do que é pedido pelo professor (RIOLFI; MAGALHÃES, 2008), produzindo inferências para tentar explicar o que lê e o que interpreta das imagens. Como não consegue fazer a leitura da metáfora visual presente nos quadrinhos, procura fazer uma relação com outro texto conhecido por ele que parece ser a história infantil *As aventuras de Pinóquio* produzido pela primeira vez por Carlo Collodi no ano de 1883. Esse texto, que narra a história de um garoto de madeira transformado em menino de verdade por uma fada, pode ter sido conhecido pela criança por meio tanto dos textos que permeiam a oralidade infantil (BELINTANE *et al*, 2010), quanto de textos que tenha tido a oportunidade de ler ou de ver em adaptações televisivas.

Dessa forma, utilizando-se desse conhecimento para suprir o fato de não conseguir, a partir da leitura do texto verbal e da interpretação das imagens, produzir os sentidos corretos da história, o aluno cria um quadro em que uma fada transforma o Haroldo em um ser real e assim explica sua “transformação”. Entretanto, observamos que o aluno apresenta uma separação do texto lido, não se atendo ao que

lhe é dado, procurando construir os sentidos que lhe são possíveis, ainda que incorretos, naquilo que lê e interpreta.

Considerações finais

Este artigo demonstra uma discussão sobre o projeto que desenvolvemos com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola de Aplicação da UFPA. No âmbito desse projeto realizamos uma pesquisa qualitativo-interpretativa, de natureza aplicada que utiliza como pressupostos teóricos os conceitos de Lacan (1998), Belintane *et al* (2010), Belintane (2013), Riolfi e Magalhães (2008) entre outros. Esse estudo procurou responder à pergunta: A imagem e a narrativa podem ajudar a promover o ensino da leitura, focado na aceleração de sua fluência e no desenvolvimento da compreensão leitora nas séries iniciais do Ensino Fundamental?

Esse estudo apresenta como objetivo geral refletir sobre como a leitura de alunos já alfabetizados pode se tornar mais fluente e compreensiva usando a imagem e a narrativa como mediadoras entre a oralidade e a escrita. Como objetivos específicos: trabalhar a leitura autônoma com compreensão e produção de inferências; encontrar indícios de como a subjetividade das crianças se constitui na forma como elas interagem, em um processo de alienação e separação, com textos narrativos lúdicos e textos que apresentem imagem; e refletir sobre como as crianças fazem a leitura de textos que demandam (e possibilitam) inferências.

Com o intuito de alcançar esses objetivos e desenvolver a fluência e compreensão leitora das crianças, trabalhamos com uma “rede de gêneros” que envolvem a imagem e a narrativa, entre esses gêneros, destacamos as HQs. Assim sendo, apresentamos a atividade com quadrinhos do *Calvin e Haroldo* que procura, entre outros, aumentar o repertório de textos escritos, desenvolver a fluência, a compreensão

leitora e a produção de inferências dos alunos. Assim, discute sobre a leitura e a compreensão de dois alunos, aluno ME e aluno G, sobre as histórias apresentadas, utilizando os teóricos que norteiam nosso trabalho.

Com base nas análises, observamos que o aluno ME, durante a ação leitora, apresenta-se no intermeio entre a leitura lenta e fluente, e sua compreensão passa pela repetição do que está no texto até a extrema separação, atendo-se apenas a uma parte do texto imagético para produzir sentidos que se demonstram incorretos. O aluno G apresenta uma leitura fluente e sua compreensão, apesar de sair do explícito e criar sentidos próprios naquilo que lê, apresenta-se incorreta.

Os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, incluindo o aluno ME e o aluno G, não conseguem depreender os sentidos dos textos: o Haroldo é um tigre de pelúcia e ganha vida na imaginação do Calvin. Isso pode ocorrer devido a sua juventude e a falta de conhecimento necessário para compreenderem esses textos, assim, procuram criar explicações variadas para produzir sentidos na leitura, indo do explícito apresentado pelo aluno ME (um colete que transforma o Haroldo em “grande”) até a produção de inferências do aluno G (uma fada que transforma o Haroldo em ser real).

Com os resultados obtidos, percebemos que os alunos se utilizam da relação entre imagem e escrita para construir os sentidos e produzir inferências sobre o que leem. Portanto, mesmo quando o aluno apresenta extrema separação (do texto escrito ou da imagem), ele utiliza-se de um ou outro para alienar-se no texto. Com a nossa pesquisa, visamos primeiramente a alienação tanto da ação leitora como da compreensão, seguida da separação para que o aluno leia de forma fluente e compreensiva, criando inferências para explicar a história.

Referências

BELINTANE, Claudemir *et al.* *Projeto de Pesquisa: o desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do Ensino Fundamental de nove anos e da inserção do laptop na Escola Pública Brasileira*. USP, UERN, UFGA: 2010.

BELINTANE, Claudemir. *Oralidade e Alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento*. São Paulo: Cortez, 2013.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Linguística*. São Paulo: Scipione, 2009.

COSCARELLI, Carla Viana. Reflexões sobre as inferências. *Anais do VI CBLA - Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, Faculdade de Letras da UFMG, CD Rom, 2002*. Disponível em: < <http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes.html> > Acesso em: 27 dez. 2014.

LACAN, Jacques. Tradução de M.D. Magno. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. *In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). Gêneros Textuais & Ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 194-207.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V. 2. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RIOLFI, Cláudia R.; MAGALHÃES, Mical M.M. Modalizações nas posições subjetivas durante o ato de escrever. *In: Estilos da Clínica*. V. XIII. 2008, p. 98-121.

WATTERSON, Will. *Calvin e Haroldo: Estranhos seres de outro planeta (coletânea)*. Tradução de Marina Rossetti. Rio de Janeiro: Cedibra, 1990.

Recebido em: 29/04/2022
Aprovado em: 06/07/2022